

- las ciudades de la Bética y el Occidente Romano*, UCA, Cádiz, 297-312.
- Mayet, F. 1984: *Les Ceramiques Sigillées Hispaniques* (2 vol.), De Bouccard, París.
- Moreno, M. 1997: “Nuevos datos sobre el abastecimiento de agua a la Córdoba romana e islámica”, *Arte y Arqueología*, 4, Asociación Arte y Arqueología de Córdoba, 13-23.
- Muñoz Villarreal, J. J. 2011: “Evolución de la ciudad y el territorio de *Consabvra* (Consuegra): Épocas prerromana y romana”, en Domínguez Gómez, F. y García Cano, J. (eds.), *Consuegra en la Historia*, Toledo, 75-127.
- Rodríguez López-Cano, D. 2015: “*Terra sigillata* hispánica en el *territorium* de *Consabvra* (Consuegra, Toledo)”, en Fernández-García I., Peinado Espinosa M.V. y Ruiz Montes P. (eds. Científicos), *Terra Sigillata Hispánica. 50 años de investigaciones*, Edizioni Quasar, Roma, 333-340.
- Rodríguez López-Cano, D. 2016: “*Vllo* en La Mancha. Una nueva marca de alfarero en *Consabvra* (Consuegra, Toledo)”, *Boletín Ex Officina Hispana*, 7, SECAH, Madrid, 18-20.
- Rodríguez López-Cano, D. 2017: “Mirando al suelo: la prospección del *territorium* de *Consabvra*”, en Palencia, J., Rodríguez, D. y Domínguez, F. (eds.), *Arqueología y Patrimonio: Consabvra carpetana y romana (Consuegra, Toledo)*, Centro de Estudios Consaburenses F.D.T., Consuegra, 81-102.
- Rodríguez Untoria, S. 2010: “Estudio arqueológico de la presa romana de Consuegra (Toledo)”, en Lagóstena, L., Cañizar, J.L. y Pons, Ll (eds.), *Aquam perducendam curavit: captación, uso y administración del agua en las ciudades de la Bética y el Occidente Romano*, UCA, Cádiz, 313-332.
- Sáenz Preciado, M. P. y Sáenz Preciado, C. 1999: “Estado de la cuestión de los alfares riojanos: la *terra sigillata* hispánica altoimperial”, en Roca, M. y Fernández, M. I. (coords.), *Terra sigillata hispánica: centros de fabricación y producciones altoimperiales*, Universidad de Jaén, Jaén-Málaga, 61-136.
- Simón Cornago, I. 2017: “Los alfareros de *Tritium Magallum*”, *Revue des études anciennes*, 119 (2), 485-520.
- Vázquez Varela, J. M. 2004: “Cerámica, abono, siembra, rituales y hormigueros: la formación de conjuntos de restos cerámicos dispersos descontextualizados”, *Gallaecia*, 23, 173-178.

Consuegra y de su Acueducto” está dirigido por Rafael Caballero García, Diego Rodríguez López-Cano, Ángela Crespo Fraguas y Miguel Díaz Moreno, y trata de estudiar estos restos arqueológicos desde un punto de vista multidisciplinar, a través de prospección, sondeos, análisis, topografía e ingeniería. Queremos agradecer desde aquí el apoyo del Excmo. Ayuntamiento de Consuegra y la colaboración de todas las personas que participan en este proyecto como voluntarios.

<sup>2</sup> El proyecto “*Consabvra*: ciudad y territorio”, activo entre 2014 y 2016, tuvo cierta continuidad un par de años más con parte de su equipo fundador, pero actualmente no existe.

<sup>3</sup> Para la descripción de los colores de pastas y barnices utilizamos el “Code des couleurs des sols” de A. CAILLEUX (París, Ed. N. Boubée et Cie.)

## Um conjunto de Terra Sigillata proveniente do Monte do Zumbrete (Borba, Portugal)

Mónica Rolo\*

Ana Martins\*\*

\*Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

\*\*CHAIA-HERCULES-Universidade de Évora; Universidad de Granada; FCT

monicasrolo@gmail.com

ana.i.martins93@gmail.com

Em 2018 foi feita doação ao Museu Municipal de Estremoz de um conjunto de fragmentos de *terra sigillata* encontrados, no decurso de trabalhos agrícolas, no Monte do Zumbrete, concelho de Borba, distrito de Évora (Fig. 1). O conjunto em questão corresponde, portanto,

a recolhas de superfície, sem contexto arqueológico passível de análise.<sup>1</sup>

O arqueossítio do Zumbrete encontra-se referenciado como uma “*villa* romana com cerca de dois hectares” (Carneiro 2014: II, 72; ver também *PDM Borba*: 909). Nunca foi objecto de escavações arqueológicas, sendo os únicos dados conhecidos fruto de trabalhos de prospeção (Carneiro 2014: II, 04.02, 71-72). A quantidade e diversidade dos materiais visíveis no terreno sugerem tratar-se de um ponto de povoamento de grande extensão “com sinais de monumentalidade e requinte decorativo” (Carneiro 2014: II, 71-72, 78). Entre o material cerâmico de superfície identificado nestes trabalhos incluem-se *sigillata* hispânica e africana D, um molde de lucerna, paredes finas emeritenses, fragmentos de *dolia* e de ânforas de fabrico lusitano, pesos de tear, e cerâmica de construção (*Ibidem*). O conjunto cerâmico aqui em análise é composto por 29 fragmentos (NMI – 26), enquadráveis em três categorias: *terra sigillata* itálica (um fragmento – 3,45%); sudgálica (quatro fragmentos – 13,79%); e hispânica (24 fragmentos – 82,76%). A distinção dos diferentes fabricos baseou-se na conjugação da observação macroscópica das características da pasta e verniz dos fragmentos com a análise e classificação dos tipos formais correspondentes.

No que se refere à *sigillata* itálica, contamos com um único fragmento (ZBT.04) (Fig. 2). Trata-se de um fragmento de fundo com marca do oleiro *Ateius*, associado ao centro produtor de Pisa, entre os anos 5 a.C. e 25 d.C. (OCK: n.º 268). O selo com o genitivo *ATEI* apresenta-se inscrito em cartela rectangular de ângulos arredondados (OCK: stamp type 268\_11, 268\_12). O perfil do nosso fragmento aproxima-se da base B 4.13, típica da forma *Conspectus 23 (Conspectus*: p. 92, Tafel 21, p. 162, tafel 51). Uma eventual correspondência com a subfor-

<sup>1</sup> El actual proyecto: “Estudio Arqueológico de la Presa Romana de



Figura 1. Localização geográfica do Monte do Zumbrete (Borba, Évora, Portugal).

ma *Conspectus* 23.2 remeter-nos-ia para uma cronologia do segundo e terceiro quartéis da primeira centúria (Ibidem). A pasta é dura e compacta, de coloração vermelha clara (10R6/4).<sup>2</sup> O verniz é vermelho (10R4/6), espesso e relativamente brilhante.

A amostra de *sigillata* sudgálica é composta por 4 fragmentos (NMI 4), dos quais três pertencentes a formas lisas e um com decoração. De um modo geral, as pastas são duras e compactas, de coloração vermelha a vermelha clara (10R5/6-6/6). Os vernizes são espessos, de tonalidade vermelha (10R4/6-4/8) e brilho não homogêneo. A relativa uniformidade em termos de fabrico leva-nos a considerar La Graufesenque como o único centro produtor representado. Para o

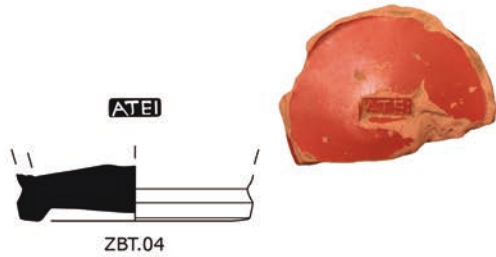
fragmento ZBT.11 (Figura 2) sugere-se uma correspondência com a forma Drag. 18a, em função do perfil arredondado da parede e do lábio curto arredondado, remetendo-nos para uma cronologia de 15 a 60 d.C. (Passelac e Vernhet 1993: 572). Contamos com outros dois bordos (ZBT.10 e ZBT.14 – Figura 2), atribuíveis à forma Dra. 27c (Idem: 573). O perfil espessado dos bordos, delimitados inferiormente por caneluras nas faces interna e externa, parece enquadrar-se neste tipo formal datável de Flávios – Trajano (80 – 120 d.C.) (Ibidem). Porém, considerando as semelhanças com os perfis da forma Drag. 27 sudgálica documentados em Mérida nos inícios da época neroniana, o *terminus post quem* poderia recuar até 50/60 d.C. (Bustamante 2009: Figura 4).

No caso do fragmento ZBT.29 (Figura 2), as reduzidas dimensões dificultam a respectiva classificação morfo-tipológica. Ainda assim, sugerimos poder tratar-se da parte inferior do bordo da forma Drag. 29, datada entre 10 e 90 d.C. (Passelac e Vernhet 1993: 573). Este fragmento apresenta a parede interna marcada por duas caneluras paralelas e na parede externa vestígios de guilhocé.

Relativamente ao conjunto de *terra sigillata* hispânica (24 fragmentos – NMI 21), com exceção do fragmento ZBT.08, atribuímos a amostra às produções do Noroeste da Península. Os exemplares apresentam pastas relativamente duras, de coloração vermelha clara a vermelha (10R6/4-6/6, 5/6). Os vernizes são tendencialmente espessos e homogêneos,

## Marcas de oleiro

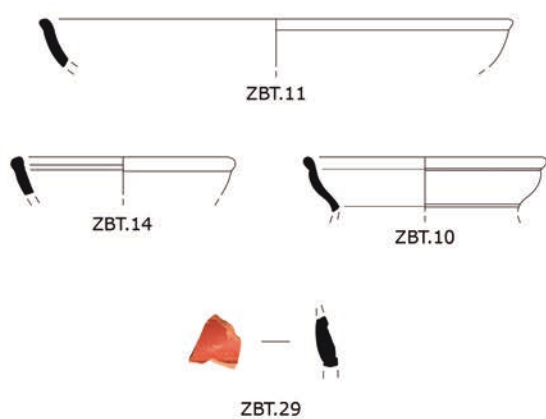
## TSI



## TSH



## TSSG



## TSH

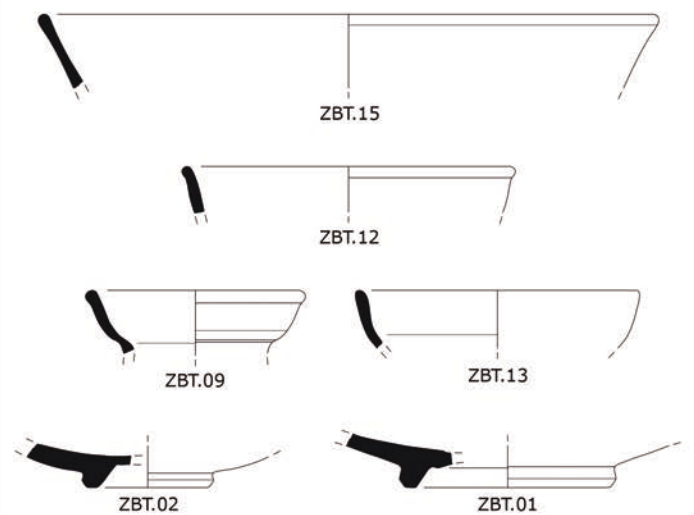


Figura 2. Marcas de oleiro e formas lisas de *terra sigillata* sudgálica e hispânica representadas na amostra de estudo.

de cor vermelha (10R4/6-4/8, 5/6-578), brilho irregular e aspecto ligeiramente granuloso. O único exemplar para o qual propomos uma origem em Andújar

caracteriza-se por uma pasta compacta, de tonalidade vermelha clara (2.5YR6/6), e verniz mate, espesso e homogéneo, de coloração vermelha (10R4/6).

Disponemos de dois exemplares hispânicos com marca de oleiro (Figura 2): o fragmento ZBT.3 com selo AT[...]*FE*[...], atribuível a *Attius Festus*; e ZBT.05 (for-



ma indeterminada) com o selo *FLACCI*, do oleiro *Flaccus*. Ambos os oleiros se encontram bem documentados em Mérida, associados a contextos de finais dos Flávios e inícios/ primeira metade do séc. II d.C. (Bustamante, 2013: 189, 193; Bustamante-Álvarez e Simón Cornago 2022: 261, 325).

As formas hispânicas lisas estão representadas por 11 fragmentos (45,83%) e as formas decoradas por 10 (41,67%), a par de três fragmentos não classificáveis (12,50%). Entre as formas lisas (Figura 2), contam-se dois exemplares da forma 27: o fragmento ZBT.09, atribuível a época flávia, em função do bordo espessado e lábio bem marcado; e o fragmento ZBT.13, com bordo simples de perfil arredondado, enquadrável na variante trajânica (Bustamante, 2013: 96-97). Para os fragmentos de fundo ZBT.02 e ZBT.3 sugerimos igualmente uma possível identificação com a forma 27. A forma 15/17 encontra-se representada pelo fragmento ZBT.15, na sua variante 15/17e alto-imperial (Bustamante 2013: 84-85). Contamos com outros três fragmentos de parede – ZBT.01 (Figura 2), e ZBT.16 e ZBT.17 (não dados à estampa) que parecem poder corresponder a esta mesma forma. Para o fragmento ZBT.12 propomos uma identificação com a forma 18 na sua variante de época flávia, uma vez que se conserva o bordo arredondado e ligeiramente espessado (Bustamante 2013: 87-89).

Relativamente às formas decoradas (Figura 3), sugerimos para o fragmento ZBT.06 uma identificação com a forma 37b, pelo diâmetro estimado de 22 cm e o típico bordo amendoado (Romero Carnicero, 2015: p. 173). No limite inferior do fragmento, abaixo da dupla canelura que marca a transição do bordo para a parede, conservam-se parcialmente duas rosetas (Mayet, 1984, II: 48, Planche CXLVI, n.º 596). Para os fragmentos ZBT.07 e ZBT.08 propõe-se

uma correspondência com a forma 37a, tendo em conta os diâmetros de abertura estimados (não ultrapassam os 15 cm) e o perfil arredondado e esvasado dos bordos. Ambos os casos apresentam decoração abaixo do limite do bordo: o fragmento ZBT.07 apresenta um conjunto de linhas onduladas, e o fragmento ZBT.08 conserva decoração burilada, típica das produções béticas (Fernández García, 2015: 242).

Os restantes exemplares decorados correspondem a fragmentos indeterminados, ainda que, na quase totalidade dos casos (excepto ZBT.28), nos parecesse plausível a correspondência com as formas 29 ou 37 (ver Figura 3). No fragmento ZBT.22 é possível observar uma composição metopada tendo como figura central a representação de um grifo, enquadrado à direita por duas séries de linhas onduladas verticais, intercaladas por uma linha vertical de ângulos. Para a figura zoomórfica encontramos paralelos num punção de Trício e, em especial, num punção do centro oleiro de Bronchales (Mayet 1984: II, 68, Planche CLXXVIII, n.º 1774; 10, Planche X, n.º 53). No fragmento ZBT.24 a composição metopada é formada por círculos concêntricos, separados por motivos verticais que se assemelham a colunas (ver Mayet 1984: II, 41, Planche CXXXVI, n.º 192). Também os fragmentos ZBT.23 e ZBT.27 apresentam decoração formada por círculos concêntricos, característica da tradição hispânica. No fragmento ZBT.23, os círculos parecem integrar um friso de decoração metopada, sem que seja possível identificar o motivo que separaria os vários painéis. Na parte superior, observa-se um outro friso decorado, desta feita com aparentes motivos fitomórficos, bem documentados na produção riojana (ver Mayet 1984: II, 59, Pl. CLXIV, n.ºs 1203 – 1206). No fragmento ZBT.27 os círculos parecem formar parte de uma composição contínua. Os fragmentos ZBT.25 e ZBT.28 não possibilitam

a identificação dos respectivos esquemas decorativos: no primeiro caso, conserva-se um aparente motivo fitomórfico em forma de palmeta (ver Mayet 1984: II, 33, Planche XCV, n.º 389; 37, Planche CXIX, n.º 507) inscrito num círculo; no segundo, apenas se identificam quatro linhas onduladas verticais e parte de um motivo indeterminado. Por último, não identificámos o motivo decorativo representado no fragmento ZBT.26, dado o desgaste da parede externa.

Exceptuando o exemplar de *sigillata* itálica, datável do primeiro quartel do séc. I d.C., a nossa amostra revela-se bastante homogénea em termos cronológicos, centrando-se entre a segunda metade do séc. I e os inícios/ primeira metade da centúria seguinte. Os tipos formais, comuns e de ampla difusão, bem como os oleiros representados, refletem o acesso aos circuitos de comercialização que dinamizavam o interior da *Lusitania* e mimetizam as dinâmicas de consumo documentadas na capital, *Augusta Emerita* (Bustamante 2009: 151, 165, 167). Não obstante a ausência de contexto arqueológico, o conjunto analisado deixa antever o potencial do sítio do Zumbrete, sugerindo a capacidade aquisitiva de quem ali habitou e apontando para uma longa diacronia de ocupação do sítio.

## Bibliografia

- OCK = *Corpus Vasorum Arretinorum*  
<https://ock.dainst.org/home>  
[https://www1.rgzm.de/samian/home/frames.htm?fbclid=IwAR2YVoA0r-5FFAZs-AVfiGRkM\\_10CK3ikQYXKvIfhKil3s4E-CA17XeXK688Y](https://www1.rgzm.de/samian/home/frames.htm?fbclid=IwAR2YVoA0r-5FFAZs-AVfiGRkM_10CK3ikQYXKvIfhKil3s4E-CA17XeXK688Y) (28 de fevereiro de 2024).  
 Bustamante-Álvarez, M. 2009: “La *Terra Sigillata* Gálica en *Augusta Emerita* (Mérida Badajoz)”. *Saguntum*, 41, 149-174.  
 Bustamante-Álvarez, M. 2013: “La *Terra Sigillata* Hispánica en *Augusta Emerita*, Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del suburbio norte”. *Anejos de la AEspA*, LXV, Instituto de Arqueología de Mérida, Archivo Español de Arqueología, Mérida.

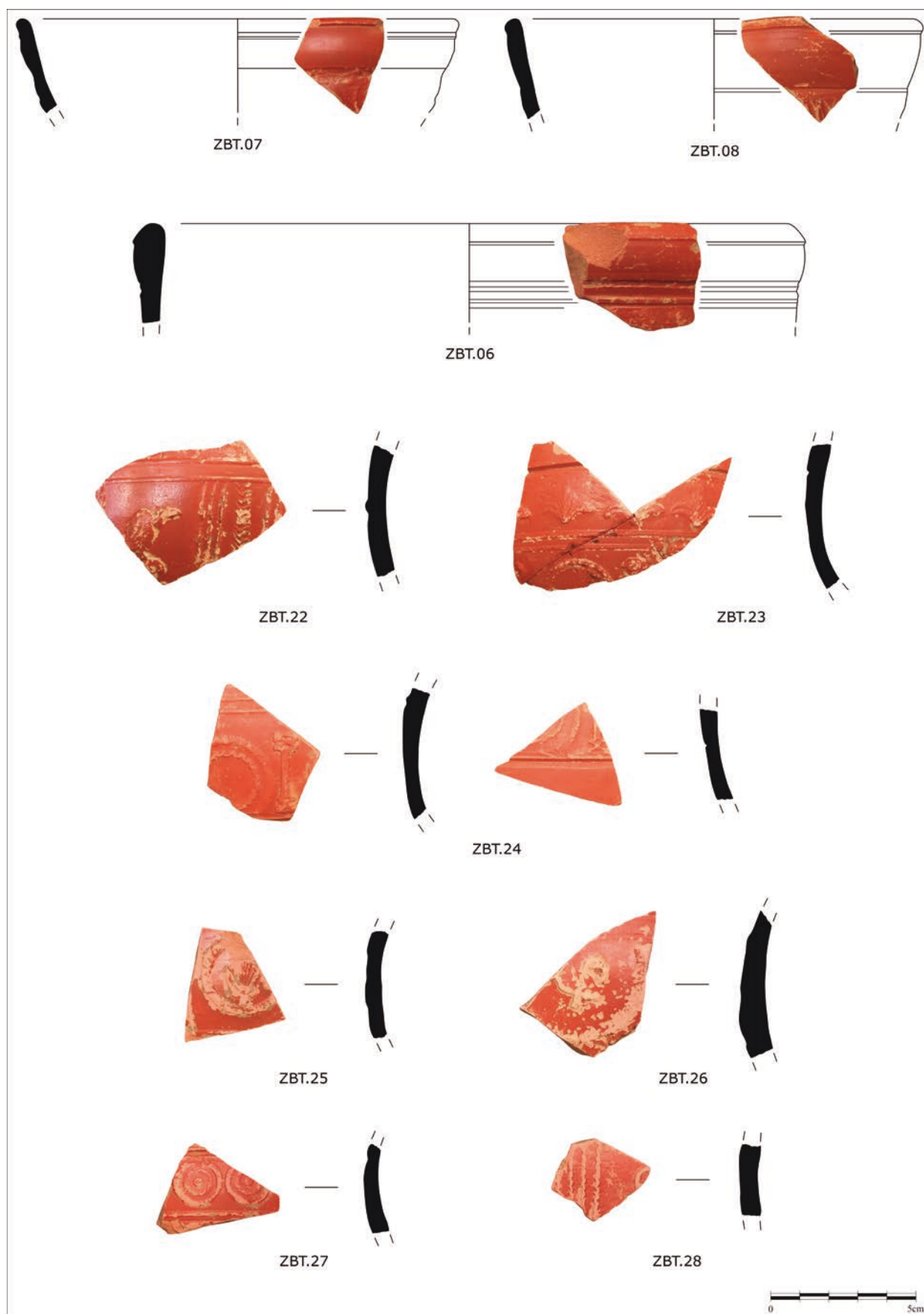


Figura 3. Formas decoradas de *terra sigillata* hispânica representadas na amostra de estudo.

- Bustamante-Álvarez, M. e Simón Cornago, I. 2022: "Corpus de Marcas de Alfareros Sobre *Terra Sigillata* Hispánica en la Lusitania". In Bustamante-Álvarez, M. e Viegas, C. (eds.): *Corpus Vasorum Hispanorum. Un modelo de aplicación metodológica para el estudio de los sellos sobre sigillata hispánica en la Lusitania*, Granada, 227-500.
- Carneiro, A. 2014: *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural no Alto Alentejo*, Coimbra, Imprensa Universidade de Coimbra. 2 vols.
- Conspectus = Ettliger, E., Hedinger, B., Hoffmann, B., Kenrick, P., Pucci, G., Rothrubi, K., Schneider, G., Schnurbein, S. V., Wells, C. M. e Zabehticky-Scheffenecker, S. 1990: *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*, Bonn, Dr. Rudolf Habelt GmbH. (Materialen zur romisch-germanischen Keramik 10).
- Fernández García, M. I. 2015: "La terra sigillata de origen bético: un camino aún por recorrer". In Fernández Ochoa, C., Morillo, Á., e Zorzalejos, M. (ed.): *Manual de cerámica romana II*, Espanha, 231-319.
- Mayet, F. 1984: *Les céramiques sigillées Hispaniques: contribution à l'histoire économique de la Péninsule Iberique sous l'Empire Romain*, Coll. de la Maison des Pays Ibériques, 21, Bordeaux.
- Munsell Soil Color Charts* (2009), Michigan, Munsell Color.
- Passelac, M. e Vernhet, A. 1993: "Céramique sigillée sud-gauloise". In *Dictionnaire des Céramiques Anciennes*, série Lattara 6, 569-580.
- PDM Borba = Plano Director Municipal de Borba. In *Diário da República*, 2ª série – n.º 5, 8 de Janeiro de 2008. <https://files.diariodarepublica.pt/2s/2008/01/00500000/00900000918.pdf>
- Romero Carnicero, M.ª V. 2015: La terra sigillata hispánica: producciones del área septentrional. In Fernández Ochoa, C., Morillo, Á., e Zorzalejos, M. (eds.): *Manual de cerámica romana II. Cerámicas romanas de época altoimperial em Hispania. Importación y producción*, Alcalá de Henares, Museo Arqueológico Regional; Madrid, Colegio Oficial de Doctores y Licenciados em Filosofia y Letras y em Ciências, Sección de Arqueología.

<sup>1</sup> Agradecemos à Dra. Rita Laranjo, arqueóloga da Câmara Municipal de Estremoz, a possibilidade de estudo do presente conjunto cerâmico e as facilidades concedidas para o efeito.

<sup>2</sup> Para a descrição da coloração das pastas e vernizes usámos como referência o *Munsell Soil Color Charts* (edição 2009).

## Un nuevo tipo de cerámica pintada altoimperial en Complutum (Alcalá de Henares, Madrid)

Luis Carlos Juan Tovar\*  
Sebastián Rascón Marqués\*\*

\*SECAH

\*\*Ayuntamiento de Alcalá de Henares

secah.lcjt@gmail.com  
srascon@ayto-alcaladehenares.es

(Dibujos de Juan Sanguino y Pilar Oñate - Gabark, S.L.)

En un reciente trabajo (Juan Tovar *et alii.*, 2024) abordábamos el abandono en el que ha permanecido el estudio de las cerámicas pintadas de época tardorromana en nuestro país desde la publicación, hace 38 años, del estudio de José Manuel Abascal (1986), demostrando la necesidad de implementar una nueva tipología, abierta, de carácter analítico, que sustituyera a la promovida por este autor, ya claramente sobrepasada por los numerosos ejemplos de nuevos tipos y variantes descubiertos en estos años, tanto de época altoimperial como tardorromana, de imposible encaje en ella.

Y aunque este hecho no parece tan notorio para el periodo altoimperial, como pone de relieve una reciente puesta al día (Blanco 2015), nuevos hallazgos vienen a recalcar los vacíos todavía existentes y sin duda inesperados.

Así lo pone de manifiesto, en este caso para el primer siglo de la presencia ro-

mana en *Complutum*, el descubrimiento de varios ejemplos de una exquisita producción de cerámica pintada de tradición indígena, que reafirman la necesidad de una necesaria renovación de las investigaciones sobre esta gran familia cerámica. Se trata de tres ejemplos de un tipo de orza que aportan la novedad de mostrar una doble técnica decorativa: pintada y burilada, todos ellos hallados en excavaciones realizadas entre los años 1985-86.

### LOS CONTEXTOS

**Contexto PM 85 3 transversal 1er sector (Fig. 1. A).**

Corresponde a la pieza nº 1. Las transversales fueron un sistema de catas que se desarrollaron en 1984-85, con la idea de evaluar el potencial arqueológico de la gran superficie entre los edificios del foro (zona llamada PM entonces) y la fuente del Juncal. La transversal 3 se encuentra en las inmediaciones de lo que ahora conocemos como Manzana VII. Pero en las inmediaciones, por tanto, se asocia con la extensión de la ciudad y sus edificios domésticos al oeste de la zona del foro, sin que sea posible una atribución más precisa.

**Contexto PM-86 K-11 (Casa de los Estucos) Nivel I (relleno habit.) 11-86 (A) (D) (Fig. 1. B).**

Corresponde a la pieza nº 2. Esta referencia pertenece a las excavaciones de la zona del foro y Casa de los Grifos, en los 80 y primeros 90, donde se desarrolló un sistema de cuadrículas sobre toda la superficie, en este caso la K-11. Excavaciones posteriores han probado que K-11 se corresponde con los primeros niveles arqueológicos de la Casa de los Grifos (antes llamada de los Estucos), en la zona que se relaciona ahora con las estancias del cuadrante noroccidental de la *domus*. No es posible saber si pertenece a un momento anterior al colapso de la vivienda, que se produce, en la hipótesis